ATHLOS. Revista Internacional de Ciencias Sociales de la Actividad Física, el Juego y el Deporte
International Journal of Social Sciences of Physical Activity, Game and Sport
Vol X – Año V
Nº 10 Julio 2016

TRAJETÓRIAS DOS JOGOS ESCOLARES BRASILEIROS PARA OS JOGOS DOS POVOS INDÍGENAS

Deoclecio Rocco Gruppi
Doutor em Educação Física. Professor da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO.
dr.gruppi@uol.com.br

Resumo

Os Jogos dos Povos Indígenas têm demonstrado, a cada edição, aspectos que os tornam um evento relevante para a sociedade brasileira, como a representação de novas formas de jogar e celebrar. Esses Jogos têm como características principais a celebração, o encontro, o conhecimento de outros povos e o reencontro com outros, o que faz com que sejam reconhecidos por suas diversidades culturais. As primeiras participações de jovens indígenas nos Jogos Escolares Brasileiros foi um momento significativo para os irmãos Carlos Justino Terena e Mariano Marcos Terena que almejavam a presença indígena nessa competição. A primeira participação indígena nos Jogos Escolares Brasileiros partiu da iniciativa de se levar um arqueiro, a intenção foi apresentar uma outra maneira de demonstrar suas práticas corporais. E é a partir daí que se começa a desenvolver propostas para os Jogos dos Povos Indígenas. A metodologia utilizada neste trabalho é qualitativa. As fontes selecionadas foram obtidas na legislação, em documentos oficiais e no acervo de banco de dados e imagens intitulado "Jogo, Celebração, Memória e Identidade: Reconstrução da Trajetória de Criação, Implementação e Difusão dos Jogos dos Povos Indígenas no Brasil (1996-2009)", que contêm a memória sobre os jogos dos povos indígenas. Esta pesquisa leva em conta a interdisciplinaridade, apoia-se no conhecimento da Sociologia, Antropologia, Educação Física e História.

Palavras-chaves: Jogos indígenas; Jogos; História; Jogos escolares

Abstract

The indigenous peoples games have shown each time aspects which make them a relevant event to the Brazilian society, like the representation of new ways to play as well as to celebrate. These games have as their main characteristics to celebrate, the meeting, knowing other people and meeting others again, what

make them known by their cultural diversifies. The first indigenous participations in Brazilian School Games was a significant moment to the brothers Carlos Justino Terena and Mariano Marcos Terena whose goal was to make the indigenous people to participate in this competition. The first indigenous participation in Brazilian School Games had the initiative to bring one archer, having the intention to present another way to demonstrate body practices. From this participation on, some proposals to Indigenous people games started to develop. The methodology used in this study is qualitative. The selected sources were obtained in the legislation and in the database and images called "Games, Celebration, Memory and Identity: Creation Trajectory Reconstruction, Implementation and Spreading of the Indigenous people Games in Brazil (1996-2009)", which contain the memory of indigenous people games. This research is based in the interdisciplinary, being supported in Sociology, Anthropology, Physical Education and history knowledge. Key words: Indigenous Games, Games, History, School Games

Keywords: Indigenous Games; Games; History; School Games

Recibido: 28 de abril de 2016. Aceptado: 25 de mayo de 2016

INTRODUÇÃO

Os Jogos dos Povos Indígenas são ações idealizadas pelos líderes nacionais, os irmãos Mariano Marcos Terena e Carlos Justino Terena em parceria com o Ministério do Esporte. Esses eventos objetivam a prática dos jogos e a divulgação das manifestações esportivas e culturais de cada etnia. No início os objetivos não eram tão claros, Carlos Terena não imaginou o impacto dos Jogos.

O reconhecimento dos Jogos está presente no Artigo 217 da Constituição Brasileira de 1988, a qual afirma ser dever do Estado proteger, resgatar, registrar e divulgar as manifestações culturais de caráter esportivo que se vinculem às nossas raízes etno-históricas.

O líder Carlos Terena, em entrevista, apresenta o processo pelo qual passou para se chegar ao que se denomina hoje Jogos dos Povos Indígenas. Na percepção de Carlos, as experiências na juventude e o espírito de liderança foram bases para o desenrolar das ações posteriores, ele conta como se deu o envolvimento das comunidades indígenas com o esporte e

consequentemente com a realização de um sonho, evidencia-se também seu espírito de lideranças que perpassou quase duas décadas expondo como é que se move as coisas para frente.

A criação de uma equipe de futebol formada por estudantes indígenas foi um momento importante para começarem a discutir outras questões políticas e se politizarem. Segundo Sant'Ana (2010, p.101) "(...) eram momentos, também, de reflexão sobre a situação vivenciada pelos seus parentes que ficaram nas TIs., bem como sobre as políticas indigenistas e os levantes indígenas pelo país.", as possibilidades de visibilidade das comunidades não indígenas por meio do esporte, bem como as inter-relações com dirigentes políticos do Ministério do então Instituto Nacional de Desenvolvimento do Esporte (INDESP) contribuíram para a idealização dos Jogos dos Povos Indígenas. Contudo, a realização de um sonho de colocar as comunidades indígenas para se encontrarem e celebrarem se tornou realidade no ano de 1996 nos I Jogos dos Povos Indígenas, realizados em Goiânia com apoio do INDESP.

MATERIAL E MÉTODOS

O material utilizado apresenta a abordagem da participação Indígena nos Jogos Escolares Brasileiros relacionados aos períodos históricos, (1969-2012). Identificação da filosofia e objetivos dos Jogos Escolares Brasileiro. Participação Indígena – Descrição dos participantes/população atendida e organizadores. Informações sobre o Comitê Intertribal - Memória e Ciência Indígena e o Ministério do Esporte, e a relação com os Jogos dos Povos Indígenas.

A metodologia utilizada neste trabalho é qualitativa. As fontes selecionadas foram obtidas na legislação, em documentos oficiais e no acervo de banco de dados e imagens que contêm a memória sobre os jogos dos povos indígenas. O presente trabalho está centralizado principalmente nas ações do Comitê Intertribal Ciência e Memória Indígena e o Ministério do Esporte, por serem os principais protagonistas e estabelecerem relações conjuntas e muito próximas na realização dos Jogos dos Povos Indígenas.

Esta pesquisa leva em conta a interdisciplinaridade, apoia-se no conhecimento da Sociologia, Antropologia e História.

As fontes históricas estão relacionadas a "ouvir depoimentos, manusear documentos, decifrar impressos ou audiovisuais em busca das experiências de nossos antepassados" conforme (Pinsky, 2008, p. 7).O presente trabalho está

fundamentado da teoria sobre figurações e relações de poder de Norbert Elias mais especificamente nas obras: "Sociedade dos Indivíduos" (1994); "Os Estabelecidos e Outsiders" (2000); "Norbert Elias por Ele mesmo" (2001) e "Introdução à Sociologia" (2005), Elias e Dunning "A Busca da Excitação" (1992).

RESULTADOS

Indicação das diferentes Instituições

As Instituições envolvidas nos Jogos dos Povos Indígenas - JPIs, são

- Comitê Intertribal, Memória e Ciência Indígena, liderada pelos irmãos Carlos Justino Terena e Mariano Marcos Terena idealizadores e organizadores dos JPIs, e o
- Ministério do Esporte, como principal financiador desses Jogos.

Outras instituições também contribuem para a organização dos Jogos dos Povos Indígenas, estas não oferecem financiamento direto e não são objetos deste estudo do presente trabalho – a saber:

- Universidade, contribui com voluntários das Faculdades de Educação Física e com pesquisadores no acompanhamento e avaliação.
- A Mídia, pois desde a primeira edição contribuiu para a divulgação e visibilidade dos Jogos, assim como para o acesso ao mundo dos esportes pelos indígenas.
- As ONgs. como a Ecoterra representada por Fernando Amazonas e Raí Silva, com trabalhos realizados desde 2003 em Palmas/TO até Porto Nacional/TO e outras.

O presente trabalho está centralizado principalmente nos aspectos históricos da trajetória dos Jogos dos Povos Indígenas desde a primeira Edição e as ações do Comitê Intertribal Ciência e Memória Indígena e o Ministério do Esporte, por serem os principais protagonistas e estabelecerem relações conjuntas e muito próximas na realização dos Jogos dos Povos Indígenas.

A Etnia Terena

O matador, o guerreiro, era representado por novo grupo social o *xuna-xati*. Era o guerreiro "que se destacava no campo de batalha matando um adversário" (OLIVEIRA, 1968, p. 28)

Oliveira relata: "Contam os Terena que, depois de matar o inimigo, o guerreiro punha o pé sobre seu peito e tocava uma buzina, anunciando seu feito ao mesmo tempo que reclamava o título de *xuna-xati*. Do grupo social formado pelos *xuna-xati, i.e.*, desse grupo de "titulados é que eram recrutados os "Chefes de Guerra", sem levar em conta sua origem social ou étnica – embora fosse raro (segundo nossos informantes) um *kauti*, tornado xuna-xati, chegar a ser "Chefe de Guerra". (1968, p, 28)

As alianças feitas pelos Terena com os Guaikuru, com as trocas de alimentos por instrumentos de ferro, proteção e cavalos, fortalecem as influências e a índole guerreira desse povo. "Longe de serem passivos nessa história, os Terena procuravam extrair dessas relações (via aldeamentos) aspectos importantes de suas pautas culturais, desde a apreensão dos recursos do Outro (aprendizado do português (fala e escrita), dos hábitos e costumes, acesso a mercadorias, etc.), até a ampliação dos domínios sobre outras etnias, principalmente quando convocados pela Coroa para aldear/"civilizar" etnias consideradas "selvagens". (SANT'ANNA, 2010, p. 36)

Por outro lado, Pereira nos mostra como compreender a índole pacífica dos Terena que pode ser analisada do ponto de vista da relação de convívio com outros povos: "Os Terena se consideram como um povo afeito à sociabilidade com outros povos, como foi possível constatar em diversas narrativas[...].Contrapõe assim, seu modo de ser ao da população de outros grupos étnicos, considerados como portadores de uma índole hostil, ou menos propensa à contração de relações de convivialidade com outros povos". (2009, p. 28)

Nos primeiros contatos, a influência dos Terena era vista com bons olhos pelos portugueses sendo-lhes concedido, portanto, um tratamento diferenciado e especial frente a outras etnias, o que possibilitou uma aliança com a Coroa portuguesa: […] apesar de desfrutarem de certa autonomia, circulação e manterem relações intensas e não-belicosas com os portugueses, tudo isso não foi suficiente para uma boa composição e configuração das relações entre os Terena e os brasileiros após a eclosão do conflito entre o Paraguai e a Tríplice Aliança (1864 - 1870) (SANT'ANNA, 2010, p. 39)

Nas terras Terena há uma unidade social mais inclusiva, dotado de autonomia política própria, existe um cacique e um conselho tribal. Cada aldeia resolve suas pendências jurídico-políticas entre seus membros internamente. Os assuntos são

tratados em grandes reuniões com a presença necessária de todas as lideranças das aldeias.

Relações dos Terena com a sociedade brasileira

As relações Terena-sociedade brasileira perpassa por episódios centrais desde seus primeiros contatos "com as frentes nacionais de desbravamento até sua integração à economia brasileira regional e sua acomodação nos segmentos socioculturais, nacionais". (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1972, p. 27).

Cardoso de Oliveira expõe os fatores socioculturais os quais, de acordo com seu ponto de vista, estimulam e facilitam a assimilação, bem como aqueles que dificultam ou a impedem, apresenta os pontos convergentes e divergentes, como consequência do trabalho cativo e da saída da aldeia para cidade.

O paradigma da assimilação das populações indígenas foi repensado e substituído na Constituição de 1988 pela obrigação do Estado em assegurar o respeito e a diversidade cultural. O surgimento do movimento indígena, como nova figuração, denota a possibilidade de apoderar-se, ou seja, estabelecer relações de poder presente nessa rede de interdependência.

O Trabalho realizado por Pereira (2009) na aldeia de Buriti corrobora com os dados etnográficos apresentados por Cardoso de Oliveira ao longo de suas publicações. E, em virtude do desmoronamento do paradigma existente, afirma a renovação e um novo momento na antropologia brasileira em que "a maioria dos antropólogos considera inconsistentes as descrições orientadas pelo paradigma da aculturação e busca experimentar novas possibilidades de descrições e análises". (PEREIRA, 2009, p. 33)

Como uma das populações indígenas mais numerosas no Brasil, de 24.776 habitantes, (FUNASA, 2009), os Terena mantêm seus princípios próprios e sua formação social, "na situação de contato com a sociedade nacional (colonial e pós-colonial), as comunidades terena optaram – ou tiveram que fazer essa opção como estratégia de sobrevivência" (PEREIRA, 2009, p. 129) eles mantiveram seus princípios.

Porém, os Terena estão sempre atentos às questões que se referem aos seus direitos, sobretudo nos dias atuais, por meio dos espaços ocupados em diferentes instituições governamentais

ou não governamentais.

Através dos espaços ocupados e decorrentes dos movimentos sociais para a condução das demandas indígenas, as associações indígenas, criadas a partir da década de 1970, começam a ter destaque. Vale ressaltar que nas décadas de 1980 a 1990 existe um aumento do número de projetos referentes às questões indígenas promovidos pelas associações criadas nesse período, não somente pelos Terena mas por outras etnias em diferentes regiões brasileiras.

As mobilizações indígenas vão crescendo pelo país, especificamente "os Terena protagonizaram muitas dessas mobilizações que estavam acontecendo, articulando, em diferentes níveis o apoio às suas reinvindicações" (SANT'ANNA, 2010, p.100).

A compreensão sobre a etnia Terena, da organização social e as relações com a sociedade brasileira, possibilita analisar que as relações interpessoais dos irmãos Carlos Terena e Marcos Terena provém da índole terena, quando tratam dos assuntos relacionados aos Jogos dos Povos Indígenas com representantes do Ministério do Esporte e suas articulações políticas.

Histórias de vida relacionadas com os Jogos dos Povos Indígenas

Mariano Marcos Terena

Da etnia Terena, faz parte do grupo de estudantes que vai para Brasília completar os estudos na década de 1970, obtém grande destaque e torna-se piloto de aeronave. Marcos Terena é hoje servidor da Fundação Nacional do Índio, articulador dos Direitos Indígenas, mentor dos Jogos dos Povos Indígenas e um dos grandes representantes da União das Nações Indígenas, Movimento Indígena Brasileiro do final década de 1970, que contava, na época com um grupo de estudantes de outras etnias; é Professor da Cátedra Indígena Itinerante e representante de questões dos indígenas no Brasil na Organização das Nações Unidas.

Mariano Marcos Terena foi integrante da Equipe de futebol UNIND (União das Nações Indígenas) formada por quinze estudantes indígenas que foram estudar em Brasília na década

de 1970, essa equipe de futebol se tornou um movimento político discute direitos humanos, liberdade e democracia na ação indígena.

Um dos fundadores do Comitê Intertribal – Memória e Ciência Indígena em 1991.

Em 1992 participa como representante indígena na Conferência das Nações Unidas – Rio 92, contribui na elaboração de uma Declaração denominada "Karioca" e da "Carta da Terra" apresentadas nessa Conferência, documentos esses que foram revistos na Rio + 20, também organizada pela ONU e realizada em 2012 na cidade do Rio de Janeiro.

No ano de 2001, Marcos Terena profere uma palestra em Irati/PR por ocasião do I Simpósio Cultura Corporal e Povos Indígenas do Paraná. Nessa palestra comenta seu papel no Comitê Intertribal, refere-se também à situação deparada pelos índios no Brasil e fala sobre os Jogos dos Povos Indígenas realizados na cidade de Goiânia/GO, no ano de 1996. A palestra é transcrita pela pesquisadora Marina Vinha e publicada em 2003 no livro intitulado Cultura Corporal Indígena, organizado por Maria Beatriz Rocha Ferreira [et al.]. Este é o primeiro encontro para reflexões, no meio acadêmico, sobre os Jogos dos Povos Indígenas.

É articulador político e organizador do Fórum Social Indígena, um dos espaços criados para discussões que acontecem durante cada edição dos Jogos dos Povos Indígenas. Nesses Fóruns são discutidas questões como: Ecologia, Política, Saúde, Educação, Direitos Indígenas entre outros temas, por representantes indígenas, profissionais, pesquisadores, personalidades nacionais e internacionais. É um espaço aberto e possibilita tomadas de decisões e encaminhamentos de propostas sobre os Jogos dos Povos Indígenas.

Carlos Justino Terena

Foi atleta de futebol, participa como chefe de delegação nos Jogos Escolares Brasileiros (JEBs) em meados da década de 1980 e 1990. Carlos Justino Terena é funcionário da FUNAI, é representante do Comitê Intertribal – Memória e Ciência Indígena e um dos idealizadores dos Jogos dos Povos Indígenas e coordenador cultural desses Jogos;

Entre outras passagens de sua história de vida, comenta

sobre a ida a Brasília para estudar e encontra indígenas de outras etnias, esse contato possibilita a ampliação de conhecimento sobre outros povos e admite que esse encontro é muito positivo. Conforme Carlos Terena (2007): *"Bom, só que naquela época não conhecia assim a cultura de outros povos e quando fomos a Brasília eu fui a Brasília estudar, comecei a conhecer outras etnias como principalmente xavante, juruna, carajá [...] que não estão no meio da gente foi embora. Comecei a conhecer outros povos e a partir dessa leitura eu comecei a conhecer também a cultura desses povos e eu sempre imaginei que um dia a gente pudesse juntar essas atitudes, digamos positiva em torno de alguma coisa que pudesse ser em comum então sabemos que há divergências políticas digamos assim há divergências religiosas[...]*

Como se pode observar, nesse relato, a constituição dos Jogos dos Povos Indígenas é uma das inspirações de Carlos Terena após o conhecimento/reconhecimento de outros povos indígenas, ele vislumbra um momento de encontro onde os povos possam apresentar suas distintas culturas. Essa experiência, da sua ida a Brasília para completar os estudos e conhecer outras pessoas de etnias diferentes, possibilita estabelecer novas redes de interdependências, tudo leva a crer que é um momento muito propício para ampliar seus conhecimentos e as probabilidades de atuação, como esportista, nas questões políticas e, até mesmo relativas às questões sociais. As conexões estabelecidas pelos estudantes não são planejadas, são jovens de etnias diferentes reunidas num mesmo lugar com objetivo de estudar, ali eles têm a oportunidade de refletirem sobre as mais diversas questões relativas às suas vivências trazidas das aldeias para aquele espaço. Devo lembrar que o processo pelo qual se chega à constituição dos Jogos dos Povos Indígenas ainda será discutido ao longo desta tese.

Carlos Terena, esportista, faz parte de comissões que se formam para levar "atletas" para competirem nos Jogos Escolares Brasileiros (JEBs), em 1985 em São Paulo, a primeira delegação indígena a participar dos JEBs é composta por representantes do Xingu com as etnias: Kamayurá, Yawalapiti, Waura, Kalapalo e Meinako para fazerem demonstração da luta Huka Huka, e também com a presença de uma equipe de futebol, de atletismo e de natação, nessas modalidades comparecem representantes das etnias: Terena, Xavante, Karajá e os povos do Alto Xingu, onde Carlos Terena foi designado um dos Coordenadores da Delegação. (BOLETIM, 1985, p. 406). A

articulação com o então Ministério da Educação e Cultura proporciona essa participação, que permanece até início dos anos de 1990, como relatado anteriormente.

Como dirigente em 1989, Carlos Terena aponta o fato ocorrido com a equipe indígena de futebol de campo no jogo contra a equipe do Paraná. A equipe da Nação Indígena ganha no placar, mas é desclassificada pelo regulamento, pois três de seus atletas têm inscrições irregulares. Sobre esse ocorrido Carlos Terena explana: "*a desclassificação fez com que nos sentíssemos iguais aos brancos, vendo a lei ser cumprida da forma como gostaríamos que acontecesse com as invasões de nossas terras*" (BRASIL, 1989, p. 42). Há uma certa tensão nessa fala, foi o momento para queixar-se de problemas sociais enfrentados pelos indígenas e a sociedade nacional e, expressar a indignação ao referir-se às questões sociais que eram e continuam sendo desfavoráveis.

DISCUSSÃO

Os Jogos Escolares Brasileiros são definidos por Ferreira et al. (2005, p.20.3) como: [...] peculiares quando não são locais – ou seja, municipais ou intermunicipais – por assumirem proporções de mega-eventos ao estilo de competições internacionais, e por representarem municípios e cidades... Outro aspecto redefinido por esses jogos é a integração da juventude por meio do esporte.

No decorrer de sua história, o envolvimento sempre crescente do número de atletas e estudantes, melhoria técnica dos esportes olímpicos, o aparecimento de uma mentalidade entre a classe estudantil com relação a atividade física, a reciclagem de professores e técnicos, são pontos principais propostos pelos Jogos Estudantis Brasileiros (GRUPPI, 2011, P. 57).

Em 1987 em Campo Grande ano em que, no Fórum de Debates, aparecem questões referentes à compreensão sobre os JEBs, os posicionamentos quanto ao esporte participação, esporte performance e esporte de rendimento, contudo, são momentos de reflexão sobre sua finalidade. (BORGES E BUONICORE, 2007, p.63).

O modelo dos JEBs começa a ser questionado, assim como sua finalidade como competição, bem como a quem se dirige. Outra questão que se torna relevante é quanto às condições de saúde dos atletas, nesse embate considera-se o aluno no contexto escolar como um atleta em potencial, haja vista a

sugestão de se colocar a necessidade de exame médico no interior da escola. Do mesmo modo que as questões levadas ao Forum demonstram certa preocupação no formato no que diz respeito ao esporte participação, de performance ou de formação, ainda consideram o espaço da escola como local revelador de talentos esportivos.

Nesse contexto de mudanças é redigida a "Carta Brasileira do Esporte na Escola" após discussões e subsídios veiculados na I Conferência Brasileira do Esporte na Escola. Em 1989 Manoel Tubino assume como dirigente da SEED, por indicação do ministro Carlos Sant'Anna, e estabelece um referencial teórico baseado em suas concepções sobre educação, no qual define cinco princípios socioeducativos, a saber: "o da participação, da cooperação, da coeducação, da corresponsabilidade e da integração" (BRASIL, 1989, p. 30). A partir desses princípios o autor defende que a prática esportiva dentro dos JEBs deverá ser de direito de todos, e que não se poderá continuar como um evento no qual se privilegia o esporte de alto rendimento, proporcionando dessa forma a discussão do papel desse esporte no interior da Escola.

A defesa pela publicação da Carta Brasileira do Esporte na Escola reafirma o comprometimento do dirigente com as densas mudanças no conceito de Esporte, as quais se podem ser assentadas no interior da Escola e reafirmando a presença do esporte como evento educativo.

No ano de 1985 a Nação Indígena participa pela primeira vez dos JEBs, é citada nos boletins dos Jogos realizados na cidade de São Paulo, quando realizam a demonstração da luta Uka Uka no CEPEUSP, essa luta aparece no quadro das modalidades com as datas e horários, bem como o local a serem realizadas (BOLETIM, 1985, p.01). A participação nesses JEBs contou com a presença das etnias: Kamayurá, Yawalapiti, Waura, Kalapalo e Meinako, teve como Chefe da demonstração da Luta: Sr. Aritana - "Capitão absoluto do Alto Xingu" (BOLETIM, 1985, p. 406), e também com a presença de uma equipe de futebol, de atletismo e natação, representados pelos Terena, Xavante, povos do Alto Xingu e Karajá, como chefe das modalidades: Sr. Jorge Terena, e Coordenadores da Delegação: Carlos Terena e Jeremias Xavante (idem, p. 406).

A participação indígena no desporto começa no final década de 1970 quando um grupo de jovens indígenas, estudantes que moram em Brasília decidem criar uma equipe de futebol: *Tudo começou em 19 de abril de 1979, Dia do Índio, quando foi organizada uma seleção de futebol indígena formada pelas tribos dos Karajá, Terena, Bakairi, Xavante e Tuxá, para partida amistosa contra a então equipe do CEUB. Daí nasceria uma*

equipe de futebol de campo e salão dos estudantes indígenas com o nome de KURUMIM. Ela já se apresentou em vários estados brasileiros, inclusive atuando por duas vezes no Maracanã, no Rio de Janeiro. (TERENA, 2001 p.37).

O relato nos apresenta o momento das experiências na juventude com a organização da equipe de futebol formada por integrantes de diferentes etnias, estudantes que se apresentam em diferentes estados brasileiros, inclusive a atuação por duas vezes no Maracanã, no Rio de Janeiro. Como afirma Sant'Ana (2010, p.101) "(...) alguns jovens saíram de suas aldeias rumo a Brasília.(...) morando num mesmo local e compartilhando de expectativas e experiências comuns, esses jovens criaram laços de amizade e socialização, formando, nesse período um pequeno time de futebol denominado UNIND (União das Nações Indígenas)". Carlos Terena: *Em seguida, através da nossa articulação junto ao Ministério da Educação e Cultura, ficou acertada a participação das comunidades indígenas nos IV Jogos Escolares Brasileiros (JEBs), na cidade de São Paulo, em 1985. E até hoje continua a participação das comunidades indígenas em eventos esportivos oficiais. (TERENA, 2001 p.37).*

A articulação de Carlos Terena junto ao Ministério da Educação e Cultura concretiza sua participação como liderança indígena no processo de desdobramento da inserção das comunidades indígenas num diferente contexto brasileiro que é o dos Jogos Escolares.

A primeira participação de indígenas nos JEBs acontece com a presença de um arqueiro para distinguir, ou seja, para apresentar uma outra maneira de demonstrar práticas corporais, como afirma Terena: "Sim, para mostrar como se atira uma flecha sem *dopping*, sem anabolizante, deixa a gente atirar uma flecha" (idem, p. 37). No entanto o autor nos brinda com seu relato sobre a participação do arqueiro naqueles Jogos: *(...) quando o índio flecheiro desceu na linha para fazer a demonstração, eu mesmo não conhecia esse índio flecheiro, ele disse: 'Não, pode por aqui mais de cinquenta metros – porque é importante escolher e poder ver onde vai acertar'. 'Então ele não mirou como todo arqueiro faz, ele olhou assim atirou. Ele acertou uma melancia. 'Está muito grande, traga outra' trouxeram uma fruta menor até chegar na maçã(...) (TERENA, 2001 p.37).*

Ao comentar esse fato, Terena se remete ao conceito de esporte, e mostra como as práticas corporais podem ter significados dentro de determinados contextos. Ainda complementa: *(...) ele estava usando um arco tradicional, estava utilizando uma metodologia tradicional, mas com um objetivo que não era tradicional, porque lá na aldeia aquele*

índio não faz aquilo como esporte. Ele faz para acertar uma ave, uma anta, um peixe no meio do rio... Então, nós a partir daquele momento começamos a trabalhar esse conceito de Jogos dos Povos Indígenas. (TERENA, 2001, p.37).

Essa demonstração então, é o início de como se pode pensar o esporte a partir de um novo enfoque, ou seja, um novo conceito para o esporte moderno, e que abre caminho para novas questões referentes aos Jogos dos Povos Indígenas como marco para a sociedade não indígena.

Em 1988, São Luiz – MA, XVII JEBs, a Nação Indígena participa nas modalidades de Futebol e Futebol de Salão e um fato se torna relevante, eles recebem um comunicado da Comissão Central Organizadora: "A Comissão de Disciplina comunica que as equipes de Futebol e Futebol de Salão da Nação Indígena perderam todos os pontos em favor dos adversários. Tal mudança deve-se ao fato de terem sido inscritos atletas em duas modalidades coletivas contrariando assim, o Artigo 50 do Regulamento Geral dos XVII Jogos Escolares Brasileiros."(BOLETIM, 1988, p. 247)

Para todos os participantes há o mesmo Regulamento, não obstante serem Nação Indígena e recebem o mesmo tratamento dado a qualquer outra delegação participante dos Jogos. Sobre essa questão Carlos Terena afirma: "a desclassificação fez com que nos sentíssemos iguais aos brancos, vendo a lei ser cumprida da forma como gostaríamos que acontecesse com as invasões de nossas terras"(BRASIL, 1989, p. 42).

Em 1989, com as inovações e mudanças de formatação, os JEBs contam com a presença de aproximadamente 4.000 atletas. Nesse ano a nação indígena participa nas Modalidades de Atletismo (masc. e fem.), Futebol de Salão e Futebol.

Constituição do Comitê Intertribal

Em 1991 é criado o Comitê Intertribal – 500 anos de Resistência, presidido por Mariano Marcos Terena. Marcos Terena, como é conhecido, é designado- titular, e Pedro Cornélio como suplente, junto ao Grupo de Trabalho Nacional de Organização da Conferência das Nações Unidas, para a preparação/participação da ECO 92 (Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento).

Entre outras pessoas compõem o Comitê Intertribal: Eliane Potiguara, Itiarrori Karajá e o Aritana. Marcos Terena em depoimento a Graziella Sant'Anna (2010, p. 112) afirma: Graziella: *O Comitê, você disse que surgiu na Eco 92*... Marcos Terena: *Isso, daí não sei como eles me convidaram pra ir pra*

Genebra, primeira vez, ao Secretariado responsável pela Conferência da Rio 92 [ECO 92], convidou e eu fui pra lá. Então, antes de ir prá lá o pessoal da ONU aqui disse: "Vai ter uma Conferência, o que você acha que pode fazer e articular?". Eu falei: "Eu posso ajudar a organizar tal, mas quero ver primeiro, preciso pensar o que podemos fazer". Daí, conversei com o Carlos [Terena] o que nós íamos fazer, daí chegamos à conclusão que íamos fazer uma aldeia no evento. Era uma coisa inédita, mais agressiva. Nós estávamos com um plano aqui que nós íamos fazer uma aldeia onde nós iríamos demonstrar o que é desenvolvimento, o que é meio ambiente, usando a tecnologia da selva, começamos a usar esses termos assim. O cara falou: "Poxa, vocês conseguem fazer tudo isso?". "Nós só vamos participar se conseguirmos fazer isso". Daí fui pra Genebra nessas condições, já como Comitê Intertribal. Graziella: Vocês montaram o Comitê com que pessoas? Marcos Terena: *Nós montamos com a Eliane Potiguara, o Itiarrori Karajá, o Aritana, e outros*. Graziella: Tinha outros Terena? Marcos Terena: *Tinha. E registramos a associação para, assim, com o efeito de referência externa lá fora, porque provavelmente a gente poderia ter financiamento para as ações na Rio 92, só que no decorrer do processo eu achei assim, como era evento da ONU, qualquer recurso que a gente conseguisse a gente descarregaria no PNUD e ele gerenciaria isso pra gente, e foi o que realmente aconteceu.* (Marcos Terena)

O modo como Marcos Terena se afirma diante dessa situação, como representante indígena junto ao governo, com prestígio e confiança, também proporciona a inserção de seu irmão Carlos Terena na organização, por meio do Comitê Intertribal se concretiza a participação de indígenas na ECO 92.

Quando Marcos Terena fala do surgimento do Comitê Intertribal, penso que ele se refere a um dos primeiros trabalhos que esse Comitê realizou e ampliou a visibilidade, tanto para os indígenas que o compuseram quanto para o Governo, que naquele momento possibilitou uma participação mais ampla, ou seja, de outros setores da sociedade num evento como a ECO 92.

Na discussão de questões relativas ao meio ambiente, a representatividade da população indígena pode se dar a partir desse Comitê Intertribal. Porém, surgem algumas questões que merecem atenção acerca dessa representatividade, ou mesmo o porquê desse Comitê ser escolhido, na década de 1990 já existem inúmeras associações indígenas disseminadas pelo país, sobretudo na Região Norte.

Talvez a composição do Comitê representado por algumas

etnias possa ser uma das respostas. No entanto, há questionamentos que nos dão indícios das redes de relações estabelecidas naquele tempo e espaço que possibilitam a melhor compreensão dessa participação junto ao Governo. O fato de Marcos Terena ser convidado para a organização da ECO 92 faz com que se "registre a associação", tanto para fins de financiamentos como para as tarefas que deverá executar, ou mesmo para um início de parceria com o Governo. Ao mesmo tempo nota-se contradições nas ações, o mesmo governo que em um momento se aproxima dos indígenas para realizar tarefas de interesse político comum, se encontra do lado oposto dos indígenas quando estes através das várias associações reivindicam ações governamentais frente aos seus problemas.

Entre outros eventos que o Comitê Intertribal realiza em parceria com o Governo Federal, encontramos os Jogos dos Povos Indígenas, este por sua vez será amplamente abordado na investigação que permeia esta pesquisa.

CONCLUSÕES

Novas redes de interdependências são estabelecidas a partir da iniciativa indígena, haja vista que ao longo do tempo as atividades da equipe de Futebol Indígena proporcionam maior visibilidade e espaços para discussões de problemas que envolvem as aldeias. Nota-se as lideranças indígenas a se reunirem em eventos esportivos e considerando esses como meios de se ter visibilidade na sociedade mais ampla, quer seja em nível nacional ou internacional. Os intercâmbios, como afirma Marcos Terena, visam o "fortalecimento da integração de nossas diferenças étnicas, cuja base é exatamente o respeito e o resgate ao orgulho por essa diferença lingüística, cultural e até mesmo física" (1997, p.2).

As articulações se apresentam de modo que abranja a sociedade nacional "principalmente entre os jovens e crianças, visando mostrar a verdadeira cara dos índios e conquistando não só a simpatia, o engajamento desses setores, como a valorização do amor à terra e as riquezas culturais, ecológicas e étnicas do nosso país(...)" (TERENA, 1997, p.2).

Marcos Terena afirma que, por meio do esporte, os indígenas começam a se tornar mais visíveis para a sociedade mais ampla e, que a luta indígena em questões importantes como a demarcação de terras, há muito tempo acontece e pode ser apresentada de modo objetivo por meio desse instrumento: o esporte.

A busca pelo reconhecimento governamental começa a se tornar mais evidente quando Carlos e Marcos Terena iniciam contato com o Ministério do Esporte e INDESP a fim de apresentar seus projetos para a realização do evento denominado Jogos dos Povos Indígenas.

Os Jogos dos Povos Indígenas realizados em Goiânia (1996), com a participação de aproximadamente 500 índios, num total de 20 etnias brasileiras foi realizado com parcerias, a primeira delas com o então INDESP e com o Ministro Extraordinário do Esporte.

Apesar de terem notado grande receptividade por parte de autoridades, o projeto aprovado a ser executado tem alguns problemas a serem resolvidos, como a mudança de cidade, o escasso tempo para a organização, e, ainda o que se pôde notar a falta de experiência no trado com povos indígenas.

Nessas novas relações interpessoais, nota-se, através das palavras de Marcos Terena, o "descaso e crítica velada" ao projeto, e estes, por estarem sempre dispostos a lutar pelos seus ideais, mantêm o desafio de levar o projeto adiante.

Dentre as várias articulações, além do contato com o poder público, Carlos e Marcos Terena têm que "(...) conversar com setores da imprensa, visando agendá-las para o evento, não só no Brasil como fora (...)" (TERENA, 1997, p.2).

A preocupação em estabelecer a articulação com a imprensa surge pela necessidade de se preservar a mensagem transmitida "através dos slogans, dos folders enfim, da linguagem histórica e contextualizada" (TERENA, 1997, p.2) a toda sociedade, "já que o que estava em jogo era a história do Índio em nosso país, como também da personalidade e do trabalho histórico do Ministro Edson Arantes do Nascimento"(idem.).

A presença da FUNAI, apesar de cumprir seu papel no projeto dos Jogos dos Povos Indígenas, também é um momento tenso, já que é constitucionalmente a representante oficial do Governo Federal na Assistência e Proteção ao Índio, porém esse órgão não apresenta preocupação com eventos esportivos, por não fazer parte de seus programas indigenistas, nas palavras de Marcos Terena vê-se preocupação de se estabelecer aproximações entre a FUNAI e o Ministério dos Esportes.

As tensões emergem na medida em que se começa a repensar a diversidade de necessidades que as comunidades indígenas possuem, não somente questões sobre as demarcações de terras que são muito importantes, além das questões da saúde, recursos financeiros, mas também ao direito

de vivenciarem as manifestações culturais e esportivas e sua continuidade.

Após a realização do primeiro grande evento: os Jogos dos Povos Indígenas em Goiânia, a presença dos povos indígenas em eventos públicos começa a ser valorizada pelo poder público, em especial pelo Ministério dos Esportes. Essas novas relações apresentam oportunidades recíprocas, no que diz respeito à visibilidade e diversidade de cultura e povos presentes no Brasil.

No ano de 1996 o governo brasileiro apoia a candidatura da cidade do Rio de Janeiro para sediar as Olimpíadas de 2004, e com a intenção de "compor um lobby multi-racial do nosso país para defender a cidade do Rio de Janeiro perante o COI" (TERENA, 1997, p.4) o Ministério dos Esportes incumbe os irmãos Carlos e Marcos Terena de organizarem uma delegação de atletas indígenas e levá-la para a cidade do Rio de Janeiro a fim de mostrar tradições culturais de povos indígenas tais como: rituais indígenas, danças, corrida da tora por homens e mulheres, huka-huka, e demonstração de arco e flecha. Marcos Terena elucida: *A articulação e a montagem de um evento como esse, que não é nosso, não pode simplesmente ser decidido pelos donos do dinheiro ou pelos donos do poder, nosso trabalho demanda tempo e paciência, num vai-e-vem entre a cidade e as aldeias, quer seja por telefone, fax, rádio ou mesmo um recado.* (1997, p.4).

Essa incumbência dada a Carlos e Marcos Terena deixa-os preocupados pela complexidade da ação, pois é uma decisão de um órgão público, como Marcos afirma, é necessário "tempo e paciência" para fazer os contatos e os convites além da preocupação da aceitação desses convites: "Durante muito tempo a imagem de nossas tradições culturais, espirituais e lingüísticas foram manipuladas através de fotos, filmes e livros, inclusive em nome da ciência e da valorização cultural. Interessante que nesses casos o personagem principal foi o homem branco, o manipulador, o usurpador, o colonizador, por isso, quando o convite foi feito, tratamos de realizar uma avaliação cuidadosa, não só em termos de apoio financeiro, estrutural, com em saber com quem estávamos caminhando e até mesmo, qual o tipo de valorização teríamos como retorno para nossa demanda territorial e de sobrevivência de nossas aldeias" (1997, p.4).

A avaliação feita pelos líderes leva em consideração as possibilidades de valorização de suas culturas e, sobretudo a um retorno em nível das comunidades como a "demanda territorial e de sobrevivência" nas aldeias.

Nas palavras de Marcos Terena, pode-se identificar os problemas e dificuldades que um evento como esse trazem, em nível de organização de comunidades indígenas, também os benefícios diretos aos indígenas brasileiros. Nessa avaliação percebemos que a balança de poder se estabelece, pois os indígenas têm as tradições culturais, seus conhecimentos, e o poder público a intenção de reunir isso tudo aos seus interesses, neste caso a candidatura da cidade do Rio de Janeiro como sede das Olimpíadas.

A decisão não é somente de Carlos e Marcos Terena, é tomada em conjunto com as comunidades escolhidas, pois decisões como estas não são unilaterais.

Marcos Terena, em relação aos participantes diz: "Todos possuidores de grande potencial físico, beleza plástica e cultural, além de sua força espiritual", em virtude de não considerar essa ação como simplesmente um passeio, "mas um trabalho de construção da nossa dignidade também".(1997, p. 4)

Em comum acordo com os organizadores do evento Marcos Terena afirma: "ficou decidido o tipo de evento que teríamos naquele domingo (...): dois rituais indígenas, a dança da terra, a dança da amizade e a dança da guerra; corrida da tora por homens e mulheres; huka-huka, e a demonstração do arco e flecha". (MARCOS TERENA, 1997, p.4)

Uma preocupação dos líderes Carlos e Marcos Terena refere-se à população em geral no que diz respeito a sua participação direta nas atividades programadas, como forma de intercâmbio, é um bom momento para os "brancos" conhecerem melhor outras culturas existentes neste país.

Contudo, o local onde estariam ao longo do dia, em frente ao Copacabana Palace, "um dia antes mudado pelos donos da festa para 100 metros a esquerda do hotel" (MARCOS TERENA, 1997, p.05) os líderes acompanham a "montagem do alvo, da pista de corrida, do tipo de água da praia, do sistema de segurança, de primeiros socorros, etc, afinal seriam 80 pessoas de diferentes costumes, muitas inclusive sem nunca terem saído das aldeias". (idem)

Para Marcos Terena, o acompanhamento da saída dos indígenas de suas aldeias para o Rio de Janeiro, conta com apoio institucional e de infra-estrutura, e, sobretudo o tipo de transporte e acomodações para todos integrantes convidados a

participarem do evento.

Esse relato nos remete ao comprometimento das comunidades indígenas com o evento, e que lamentam a falta de registro sob a forma de vídeo ou de fotografias por parte do Ministério e do Indesp, apesar disso tudo os integrantes da barraca Indígena correspondem às solicitações abraçando-se e com agradecimentos. A rede de relações estabelecidas em Brasília entre Carlos Terena e Marcos Terena e os representantes do governo possibilita a participação indígena nos Jogos Escolares Brasileiros em 1985. Ao longo da participação nos JEBs vivenciam experiências de organização de competições esportivas.

A trajetória de Carlos Terena nas experiências anteriores como atleta ou dirigente, a participação nos JEBs e os relacionamentos com profissionais de Educação Física apontam possibilidades de se pensar um evento para reunião de povos indígenas. Carlos Terena diz que "sempre sonhou em ver seus parentes reunidos" para encontros, sejam eles esportivos ou que propiciem a discussão de problemas enfrentados nas aldeias.

A constituição dos Jogos dos Povos Indígenas se dá pelas redes de interdependências formadas por Carlos Terena e Marcos e Marcos Terena em suas trajetórias de vida que, através do trabalho realizado no e pelo Comitê Intertribal, garantem o planejamento desse evento que reúne um maior número de participantes a cada edição.

BIBLIOGRAFIA

BORGES, E.C. & BUONICORE, A. C. (2007). *Memória do Esporte Educacional Brasileiro: Breve História dos Jogos Universitários e Escolares.* São Paulo: Centro de Estudos e Memória da Juventude.

BRASIL. (1985). Boletim dos Jogos Escolares Brasileiros, p. 406.

BRASIL. (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF.

DUNNING, E. (2003). *El Fenómeno Deportivo: estudios sociológicos en torno al deporte, la violencia y la civilización*. Barcelona: PaidoTribo,

ELIAS, N. (1994). *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro:

Jorge Zahar Ed.

ELIAS, N. (2005). *Introdução à sociologia*. Lisboa, Edições 70 Ltda.

ELIAS, N. e DUNNING, E. (1992). *A busca da excitação*. Lisboa: DIFEL.

GRUPPI, D.R.; ROCHA FERREIRA, M. B. (2010). *Os Jogos Indígenas: Processo de Ressignificação das Práticas Corporais dos Kaingang*. In II ENCONTRO ALESDE (Associação Latino-Americana de Estudos Sócio-culturais do Esporte – Centro de Investigacion 'Estudios em Educacion Física, Salud, Deporte, Recreacion y Danza'). Maracay – Venezuela.

GRUPPI, D.R. (2011). *Jogos Estudantis Brasileiros e Jogos dos Povos Indígenas. In* CAMARGO, V.R.T., ROCHA FERREIRA, M.B.R e von SIMSON, O.R. (orgs.) Jogo, Celebração, Memória e Identidade: reconstrução da trajetória de criação, implementação e difusão dos Jogos Indígenas no Brasil (1996-2009). Campinas, SP; Curt Nimuendajú,.

GRUPPI, D.R. (2013). *Jogos dos Povos Indígenas: Trajetórias e Interlocuções*. (Tese de doutorado). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

OLIVEIRA, R. C. de. (1960). *O Processo de Assimilação dos Terena*. Rio de Janeiro: Museu Nacional.

OLIVEIRA, R. C. de. (1996). *O Índio e o Mundo dos Brancos*. 4ª.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.

PEREIRA, L. M. (2009). *Os Terena de Buriti: as foras organizacionais, territorialização da identidade étnica*. Dourados, MS: Editora da UFGD,

ROCHA FERREIRA, M.B.; VINHA, M.; FASSHEBER, J.R. M.; TAGLIARI, I. A. UGARTE, M.C.D. (2005). *Cultura Corporal Indígena.* In Atlas do Esporte no Brasil. Org. Lamartine Pereira da Costa, Shape Editora e Promoções Ltda. Rio de Janeiro, 1ª Edição. ISBN: 85-85253-62-2, p. 35-36.

ROCHA FERREIRA, M.B. ; HERNANDEZ, M.; CAMARGO, V.R.T. SIMSON, O.R. von. (2008). *Jogos Indigenas, Realizações Urbanas e Construções Miméticas*. Revista Ciência e Cultura. Temas e Tendências. SBPC, 60:4, p. 47-49.

ROCHA FERREIRA, M.B., FASSHEBER, J.R., TAGLIARI, I.A., SILVEIRA, D. (2003). *Cultura Corporal Indígena.* UNICENTRO. Editora.

ROCHA FERREIRA, M.B.; VINHA, M., FASSHEBER, J. R. M., TAGLIARI, I.A. UGARTE, M.C.D. (2005). *Jogos tradicionais indígenas*. In: ___ COSTA, Lamartine (org.). Atlas do Esporte no Brasil - Raízes. Rio de Janeiro: Shape Editora e Promoções Ltda. Rio de Janeiro, 1ª Edição – ISBN: 85-85253-62-2, p. 35-36.

SANT'ANA, G. R. de. *Histórias, espaços, ações e símbolos das associações indígenas Terena*. 2010. 331 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP.

TERENA, C. J. *Depoimento* [ago. 2009]. Entrevistadora: Diana Vicente Ruiz – LABJOR-UNICAMP, Entrevista concedida ao LABJOR/UNICAMP, Campinas,SP.

TERENA, M. (1997). *Relatório sobre a participação Indígena.* (mímeo). Brasil.Ministério do Esporte, 01-04.

TERENA, M. (2001). *O Esporte como Resgate de Identidade e Cultura*. Anais I SIMPÓSIO CULTURA CORPORAL E POVOS INDÍGENAS DO PARANÁ. Irati-PR: UNICENTRO,.

MUSEO DEL JUEGO